

Raquel Meister Ko. Freitag  
Mônica Maria Guimarães Savedra

Organizadoras

# MOBILIDADES E CONTATOS LINGUÍSTICOS NO BRASIL



MOBILIDADES E CONTATOS  
LINGUÍSTICOS NO BRASIL

*CONSELHO EDITORIAL*

André Costa e Silva  
Cecilia Consolo  
Dijon de Moraes  
Jarbas Vargas Nascimento  
Luis Barbosa Cortez  
Marco Aurélio Cremasco  
Rogerio Lerner

# MOBILIDADES E CONTATOS LINGUÍSTICOS NO BRASIL

Organizadoras: Raquel Meister Ko. Freitag e Mônica Maria Guimarães Savedra

Esta obra faz parte do projeto “Políticas linguísticas: variedade, diversidade, contato e os direitos linguísticos” (edital CAPES/FAPITEC/PROMOB 06/2016).

*Mobilidades e contatos linguísticos no Brasil*

© 2023 Raquel Meister Ko. Freitag, Mônica Maria Guimarães Savedra

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Jonas Eliakim

*Produção editorial* Aline Fernandes

*Diagramação* Joyce Rosa

*Revisão de texto* Samira Panini

*Capa* Laércio Flenic

*Imagem da capa:* iStockphoto

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, junho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Mobilidades e contatos linguísticos no Brasil / organizado por Raquel Meister Ko. Freitag, Mônica Maria Guimarães Savedra. -- São Paulo : Blucher, 2023. 262 p.

#### Bibliografia

ISBN 978-65-5550-211-4 (impresso)

1. Linguística 2. Relações culturais I. Freitag, Raquel Meister Ko. II. Savedra, Mônica Maria Guimarães

22-6562

CDD 410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística

## CAPÍTULO 7

# MOBILIDADE E VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: REALIZAÇÃO DA APROXIMANTE RETROFLEXA [ɻ] NO PORTUGUÊS DE PASSO FUNDO – RS

Athany Gutierrez, Livia Majolo Rockenbach & Elisa Battisti

### 7.1 INTRODUÇÃO

A realização variável do rótico em coda silábica (a/R/mário, po/R/que, faze/R/) confere ao português brasileiro (PB) falado em Passo Fundo, município situado no Norte do Rio Grande do Sul (RS), um de seus traços caracterizadores. Na maior parte das variedades de PB do RS, as variantes mais frequentes do rótico nessa posição são o tepe alveolar [r] (a[r]mário, po[r]que, faze[r]) e o apagamento (po[ø]que, faze[ø]) (ROCKENBACH, 2020; OLIVEIRA, 2018; SANTANA, 2017; MONARETTO, 2014, 2010; CALLOU; MORAES; LEITE, 2013; BOTASSINI, 2011). É baixa a frequência de vibrante múltipla alveolar [r], tradicionalmente associada ao falar prototípico gaúcho (CORRÊA, 2020); e há alguns registros, relativamente recentes, de ocorrência da aproximante retroflesa em coda [ɻ] (SANTOS; ROCKENBACH; GUTIERRES, 2020; ROCKENBACH, 2020; COLLET, 2020; RICARDO, 2019; OLIVEIRA, 2018; SANTANA, 2017).

Nas variedades de PB de outras regiões e estados brasileiros, a realização do rótico em coda silábica varia entre tepe alveolar [r], fricativas velar [x] e glotal [h] (CALLOU; MORAES; LEITE, 2013), aproximante retroflexa [ɺ] e apagamento (OUSHIRO, 2015; OUSHIRO; MENDES, 2013). A variante retroflexa em coda (popularmente conhecida como “r-caipira”) é geralmente associada a falantes de regiões periféricas e favorecida por homens de baixa escolarização, como ocorre no PB de São Paulo (OUSHIRO, 2015; OUSHIRO; MENDES, 2013). Há evidências da produtividade de [ɺ] no falar paulistano e de mudança em progresso em direção à variante retroflexa. Temos<sup>1</sup> essa impressão também sobre a retroflexa no PB de Passo Fundo, o que nos motivou a realizar o presente estudo.

As atividades socioeconômicas desenvolvidas em Passo Fundo<sup>2</sup> vêm transformando a população da maior cidade do Norte do RS. A comunidade, formada no século XIX em território inicialmente povoado por indígenas Tapes e Kaingangs, destino de jesuítas e posto de parada de tropeiros paulistas, recebe hoje pessoas de todas as regiões do país em busca de trabalho, educação e assistência à saúde. Considerando-se que a economia regional impulsiona a mobilidade e a língua é um elemento-chave nesse processo (HELLER et al., 2016), buscamos identificar e discutir o padrão de realização da variante retroflexa do rótico em coda silábica no PB de Passo Fundo face aos possíveis efeitos de fluxos migratórios no padrão local de realização da variante. A retroflexa parece ocorrer em proporção relativamente expressiva no falar passo-fundense quando se compara o PB local com o de outras comunidades gaúchas.

Os objetivos do capítulo são verificar se nossas impressões sobre a distribuição da retroflexa se confirmam. Orientamo-nos pelas seguintes questões: (i) qual é a frequência de realização da consoante retroflexa em Passo Fundo?; (ii) qual é o encaixamento social do r-retroflexo na comunidade?; (iii) qual é o condicionamento gramatical da variante?; e (iv) qual é o papel da mobilidade na difusão da variante? O aporte teórico-metodológico é o da teoria da variação laboviana (LABOV, 2008), em seu pressuposto da heterogeneidade ordenada, isto é, de que a variação linguística se correlaciona tanto a categorias da organização social das comunidades de fala quanto a aspectos da própria estruturação linguística.

Tem-se poucos registros sobre a variedade de português falada em Passo Fundo. Comiotto e Margotti (2019) analisam a variação dos róticos em ataque silábico em localidades do RS e SC, com dados do ALiB, que contemplam alguns falantes de Passo Fundo. Cardoso (2020) desenvolve um estudo geossociolinguístico de variação lexical, que compara a fala de indivíduos de Passo Fundo e de Londrina (PR). A exemplo das investigações mencionadas, não encontramos descrições sociolinguísticas do português passo-fundense, especialmente sobre a variável fonológica que estamos

1 Uma das autoras do presente trabalho, nascida em Veranópolis, no Nordeste gaúcho, passou a residir e trabalhar em Passo Fundo em 2018. As outras residem em Porto Alegre.

2 De acordo com a Associação Comercial, Industrial, de Serviços e Agronegócio (ACISA) de Passo Fundo, a economia de Passo Fundo concentra-se no setor de serviços (nas áreas da saúde e da educação), na agropecuária e no comércio. A indústria do município é diversa, atuando mais fortemente nas áreas metalmeccânica, alimentícia, têxtil e de biodiesel. Disponível em: <https://www.acisa.org.br/passou-fundo/>. Acesso em: 30 abr. 2022.

investigando, o /R/ em coda silábica. Nosso capítulo preenche essa lacuna, contextualiza a localidade-alvo no cenário dos estudos de variação no Sul do país e propõe uma reflexão a respeito do status de /R/ na comunidade.

## 7.2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA O ESTUDO DA VARIAÇÃO, MOBILIDADE E CONTATO LINGUÍSTICO

Labov (1966, 2008) mostrou que a variação linguística se estrutura, ao mesmo tempo, na organização gramatical interna das línguas naturais e na organização social das comunidades de fala, como prevê o pressuposto da heterogeneidade ordenada (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). A partir das primeiras pesquisas labovianas, a sociolinguística variacionista ganhou corpo. A investigação da variação passou a ser um aspecto fundamental aos estudos de variação e mudança linguística, à descrição e à compreensão do funcionamento dos sistemas linguísticos.

As pesquisas labovianas sobre a realização variável de (-r) no inglês falado em Nova Iorque e sobre a centralização de ditongos na ilha de Martha's Vineyard mostraram que as variáveis linguísticas não são ocorrências aleatórias, são fatos estruturados, encaixados social e linguisticamente no padrão de fala das comunidades. Além disso, os estudos de Labov consagraram a entrevista sociolinguística – gravada em áudio, seguindo um roteiro semiestruturado de perguntas sobre temas do cotidiano, familiares ao informante, para buscar eliciar a fala o mais natural possível em um contexto de entrevista – como o método por excelência para a coleta de dados de fala, e a análise quantitativa (estatística), como método para examinar os dados obtidos nas entrevistas, testando a correlação de variáveis sociais (referentes à estratificação dos falantes) e linguísticas (referentes à organização interna da língua) com as realizações variáveis investigadas.

Desde então, os estudos sociolinguísticos variacionistas vêm se expandindo, mostrando que as línguas são afetadas pela dinâmica das relações sociais das comunidades de fala. A mobilidade dos falantes é um dos aspectos dessa dinâmica. A mobilidade promove o contato de populações e diferentes normas de uso da linguagem, que podem ser adquiridas e, assim, difundidas pelos falantes. Foi o que Bortoni-Ricardo (2011) verificou ao observar o deslocamento de falantes rurais para zonas urbanas em busca de trabalho: a transformação de dialetos regionais em dialetos *rurbanos*. Ao chegar à cidade, o falante oriundo da zona rural é geralmente estigmatizado e cria consciência do caráter desprestigiado de sua fala. Muitas vezes, tais traços desaparecem à medida que o falante vai se incorporando à vida urbana.

A mudança linguística em direção a normas localmente prestigiadas tem sido também observada em estudos recentes. Santana e Gomes (2019) verificaram a transformação de uma variedade rural do interior do Maranhão em norma urbana, devido a processos migratórios e ao conseqüente crescimento acelerado do município. Lucchesi (2019), a partir do estudo de dez variáveis morfossintáticas, constatou que o deslocamento populacional da zona rural para a urbana, seguido do retorno à comu-



nidade de origem, é fator propulsor da mudança linguística em comunidades do interior da Bahia. Efeitos da “migração de retorno” (OLIVEIRA; ERVATTI; O’NEILL, 2011) motivada por novas demandas de trabalho também foram verificados por Heller et al. (2016) na alternância entre o inglês (língua do empregador) e o francês (língua do empregado) em investigação etnográfica de comunidades francófonas no Canadá.

Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) revelam que o perfil da população migrante no Brasil é jovem (18 a 29 anos). Entre os anos de 2003 e 2008, mais de três milhões de brasileiros deixaram seus estados de origem. Na região Sul, o maior percentual de migrantes mudou-se no interior dos próprios estados (5,7% dos migrantes do país em 2008). Em relação ao Rio Grande do Sul, os gaúchos que migraram elegeram comunidades na região Sudeste (3,7%). No sentido inverso, entre os anos de 2004-2009, o RS esteve entre os estados brasileiros com as taxas mais expressivas de migração de retorno, de acordo com Oliveira, Ervatti e O’Neill (2011).

Observa-se que o atrativo dos migrantes é o desenvolvimento econômico das comunidades (SIQUEIRA, 2021; LUCCHESI, 2019; SANTANA; GOMES, 2019; HELLER et al., 2016; OLIVEIRA; ERVATTI; O’NEILL, 2011). Em Heller et al. (2016), a migração caracterizou-se pelo deslocamento dos homens a trabalho, cumprindo jornadas laborais exaustivas, para então retornarem às suas famílias. Para além do trabalho, educação e turismo também são forças motrizes da mobilidade, e língua e cultura, os elementos-chave da organização social e da organização do trabalho. O valor atribuído à língua está associado ao desenvolvimento econômico das comunidades falantes. Se as comunidades de destino forem mais desenvolvidas em termos econômicos e sociais, é possível que os migrantes atribuam prestígio a traços da variedade linguística da nova comunidade; em sentido inverso, traços peculiares às populações migrantes podem ser desprestigiados na nova comunidade, o que eventualmente contribui para que variantes de prestígio sejam implementadas e variantes estigmatizadas tendam a desaparecer da fala de quem migrou.

O contato linguístico implicado pela mobilidade é, em termos de investigação, um desafio para os linguistas. Como localizar o “falante puro”, aquele nascido na comunidade e filho de pais também nascidos na mesma localidade? É o que questionam Freitag e Oushiro (2019, p. 1324). A investigação linguística que empreendemos aqui tem na localização de passo-fundenses nativos seu primeiro desafio, necessários para efetuar uma análise estatística consistente. Uma breve descrição de Passo Fundo, especialmente no que diz respeito às atividades socioeconômicas desenvolvidas na comunidade, motivadoras dos movimentos migratórios de interesse, mostra a dimensão desse desafio.

### 7.3 A COMUNIDADE DE FALA DE PASSO FUNDO

Passo Fundo é um município de porte médio do Norte gaúcho. É conhecido como “Capital do Planalto Médio” e “Capital Nacional da Literatura”.<sup>3</sup> Fundado em 07 de agosto de 1857, possui, de acordo com o IBGE,<sup>4</sup> uma população estimada em 206.103 habitantes (estimativas 2021) e uma área territorial de 784.407 km<sup>2</sup>. A taxa de escolarização (6 a 14 anos) é de 97,3% e o índice de desenvolvimento humano municipal é de 0,776, superior à média geral do estado (0,746) (estimativas de 2010). Faz limite com os municípios de Pontão, ao Norte; Ernestina, ao Sul; Marau, a Leste; e Carazinho, a Oeste. Está localizado a aproximadamente 280 km da capital do estado, Porto Alegre.

Figura 7.1: Mapa do RS com destaque para Passo Fundo.



Fonte: *Wikipedia* (Acesso em: 18 jan. 2022).

O território de Passo Fundo, inicialmente ocupado por índios das tribos indígenas Tapes e Kaingangs, recebeu posteriormente jesuítas das Missões Orientais do Uruguai, em missão evangelizadora. A formação do que veio a ser o município de Passo Fundo iniciou nas primeiras décadas do século XIX com os tropeiros vindos da fronteira sul, em demanda à então Província de São Paulo. Passo Fundo era o ponto de

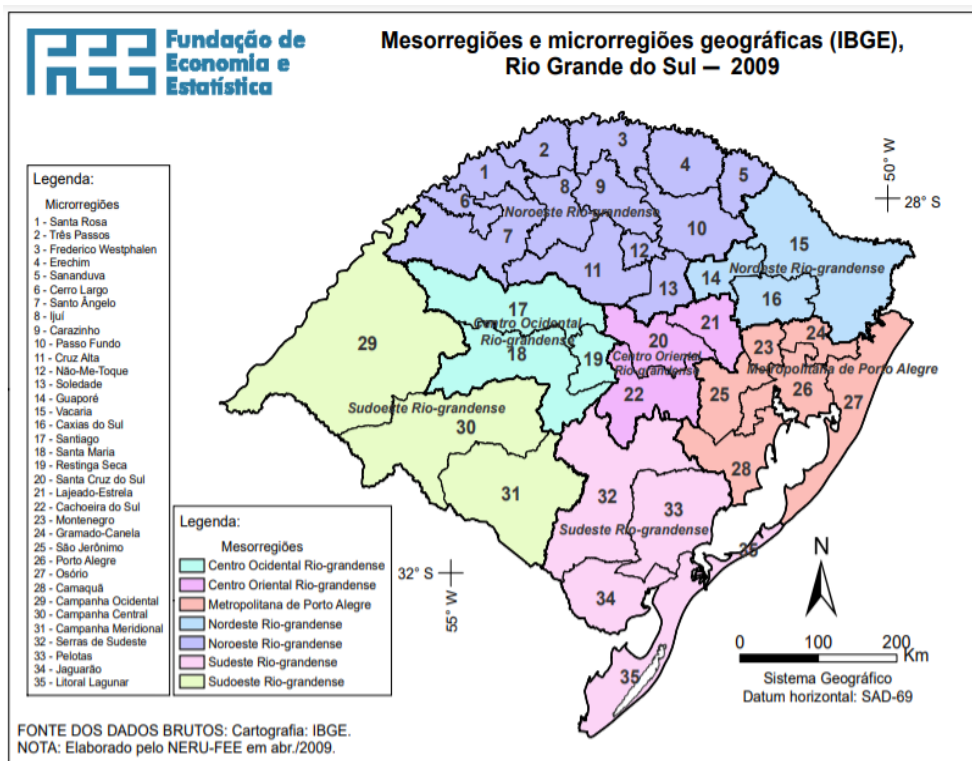
3 Passo Fundo foi declarada Capital Nacional da Literatura em 2 de janeiro de 2006 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, por meio da Lei 11.264/2006. O mérito foi concedido em função de a cidade sediar um dos maiores debates literários da América Latina, a Jornada Nacional de Literatura, realizada bianualmente desde 1981.

4 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/passos-fundo.html>. Acesso em: 30 abr. 2022.

parada para descanso de tropeiros vindos de São Paulo, como medida de segurança contra o ataque de índios hostis, razão por que veio a ser chamado “caminho dos paulistas”.<sup>5</sup>

O tropeirismo, empreendido por homens designados pelas autoridades coloniais para administrar as regiões, facilitando a passagem do gado e defendendo a terra, marcou a história da instalação das atividades econômicas do município. Os tropeiros protegiam as fronteiras e, ao mesmo tempo, gerenciavam o comércio da região. Conforme Ferreto (2011), após os tropeiros chegaram os primeiros imigrantes europeus (alemães e italianos); em seguida, os bandeirantes, vindos da região central do Brasil. Passo Fundo é hoje o principal município da Mesorregião Noroeste<sup>6</sup> do RS.

Figura 7.2: As Mesorregiões do Rio Grande do Sul.



Fonte: [http://mapas.fee.tche.br/wp-content/uploads/2009/08/micro\\_mesorregioes\\_rs\\_2009.pdf](http://mapas.fee.tche.br/wp-content/uploads/2009/08/micro_mesorregioes_rs_2009.pdf).

Acesso em: 26 jan. 2022.

5 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/passo-fundo/historico>. Acesso em: 18 jan. 2022.

6 São sete as mesorregiões (áreas individualizadas tanto por suas formas de organização no espaço quanto a seu quadro natural, processo social, rede de comunicação e de lugares) do Rio Grande do Sul: Centro Ocidental Rio-grandense, Centro Oriental Rio-grandense, Metropolitana de Porto Alegre, Nordeste Rio-grandense, Noroeste Rio-grandense, Sudeste Rio-grandense, Sudoeste Rio-grandense. Disponível em: <http://feedados.fee.tche.br/feedados/#!home/unidadesgeograficas/mesorregioes>. Acesso em: 26 jan. 2022.

De acordo com Bandeira et al. (2014), a Mesorregião Noroeste Rio-Grandense tem a segunda maior população do estado, representando 18,2% do total. Os municípios no extremo Norte (junto ao rio Uruguai) são formados principalmente por pequenas propriedades rurais familiares. Já o Sul dessa mesorregião produz milho e soja em escala. A participação da agropecuária no PIB da Mesorregião Noroeste (19,06%) é duas vezes maior do que a participação desse setor no PIB do RS. No que se refere ao desenvolvimento econômico e demográfico, Passo Fundo cresceu a taxas mais elevadas do que os demais municípios de seu entorno. Hoje o município é supridor de bens e serviços nessa área (ALONSO, 1989, p. 285), fazendo jus ao papel de “capital regional”. É assim designada pelo REGIC (IBGE, 2008): uma capital regional do tipo B, que exerce ampla influência nos municípios de seu entorno.

Historicamente, as atividades econômicas do município acompanharam os índices de crescimento do Rio Grande do Sul e do Brasil a partir do período pós-guerra. Sempre foram superiores aos dos municípios de sua área de influência. No setor industrial, por exemplo, o Valor Adicionado Fiscal (VAF) de Passo Fundo passou de 32,18% em 1972 para 41,25% em 1987; no comércio, de 34,04% para 42,5% no mesmo período; ao passo que, nos municípios de sua região de abrangência, a mesma participação nesses setores variou entre 3% e 6%. A agropecuária não apresentou um crescimento tão marcante quanto aos demais setores naquela época, em razão da mudança no perfil da população, da modernização tecnológica e da articulação com mercados externos competitivos, como o da soja.

De acordo com Alonso (2009), entre as décadas de 1940 a 1980, a população de Passo Fundo passou de 20.584 mil habitantes para 105.468 mil habitantes, um efeito da expansão da economia, baseada nas atividades do setor primário. O crescimento econômico associado ao demográfico deram um “ar de progresso” à cidade: melhorias no calçamento, iluminação pública, abastecimento da rede de água, aumento da rede escolar e da assistência à saúde. A construção civil renovou a paisagem urbana e houve crescimento generalizado nos setores da economia, acompanhado da geração de novos empregos e da expansão da massa salarial e de investimentos. A velocidade dessas mudanças, análogas às atividades econômicas, acompanhou o ritmo do estado e do país, e foi muito superior à região.

Passo Fundo emergiu como uma “aglomeração descontínua”: aquela formada por cidades de municípios contíguos, cuja integração é feita por complementaridade de funções e não por coalescência (não há espaço urbanizado contínuo), segundo Alonso (2009). As aglomerações, entendidas como a proximidade dos meios de produções e das populações, constituem um elemento essencial da organização econômica e social e implicam mobilidade. No topo da hierarquia das aglomerações está a metropolitana, que comanda, de forma articulada, um conjunto de outras aglomerações e de centros urbanos de menor porte, formando redes urbanas. De acordo com Alonso (2009), a Aglomeração Descontínua de Passo Fundo (ADPF) é constituída por 30 municípios, sendo 26 deles controlados por 4 cidades-núcleo: Passo Fundo, Erechim, Carazinho e Marau, sob a primazia da primeira. Em 2006, a ADPF gerava 6,16% do produto agropecuário, 4,43% do da indústria, e 4,96% da oferta de serviços no RS. A aglomeração representava 4,93% da produção total do estado.

Atualmente, as atividades socioeconômicas do município, movidas pela agricultura/agronegócio (grande parte das lavouras está organizada em bases empresariais e é predominantemente produtora de grãos), indústria, serviços, saúde e educação, fazem de Passo Fundo um atraente polo migratório. Dos 184.826 habitantes do município em 2010, 181.630 eram nascidos em Passo Fundo ou outras localidades da região Sul, seguidos por 1.004 migrantes vindos do Sudeste e 767 do Nordeste (IBGE). Presume-se que essas ainda hoje sejam as regiões brasileiras que concentram a maioria dos residentes, com ênfase para a região Sudeste. Destacam-se ainda as recentes obras de ampliação e modernização efetuadas no aeroporto regional do município que conta com voos diretos e diários a São Paulo. Além disso, a presença de três universidades, sendo uma federal, atrai estudantes de outras localidades, o que impulsiona a diversidade regional e linguística da população.

Embora atraia migrantes de outras localidades do estado e do país, a região do RS em que se situa Passo Fundo (a Mesorregião Noroeste) apresenta, ao mesmo tempo, uma tendência de perder população por migração interna, mas essa perda vem se reduzindo, segundo Bandeira et al. (2014). As principais perdas populacionais por migração interna são para as mesorregiões Metropolitana de Porto Alegre e Nordeste. Já em relação a outros estados brasileiros, a Mesorregião Noroeste continua sendo a de maior evasão proporcional, ao mesmo tempo que é uma das mesorregiões gaúchas que mais recebem migrantes de outros estados brasileiros. Conforme Bandeira et al. (2014), com base no Censo Demográfico de 2010, quase metade dos migrantes no RS provém da região Sul do Brasil (48,5 mil), seguida pelos migrantes da região Sudeste (27,3 mil, mais da metade dessa população vinda de São Paulo). Por outro lado, nos períodos de 1986-1991 e de 2005-2010, diminuiu a proporção de imigrantes da região Sul do país (de 58,5% para 47,7%), enquanto o percentual da região Sudeste aumentou de 22,1% para 26,8%. Também cresceu o percentual de migrantes oriundos da região Nordeste, de 5,5% para 10,4%. Somente SC foi responsável por 31,2% do total dos imigrantes do RS no período 2005-2010, em razão da proximidade geográfica: SC é responsável por cerca de 40% dos imigrantes no Nordeste e Noroeste gaúchos.

Oliveira, Bogoni e Lazarotto (2009) analisam os fluxos migratórios ocorridos no RS com base em dados do IBGE, considerando os migrantes que se deslocaram de outros estados para o RS entre 31/07/1995 e a data da coleta do censo 2000. Verificam que o RS recebeu um total de 113.395 migrantes durante o período, sendo que o estado que mais enviou migrantes foi Santa Catarina (SC), num montante de 41.155 pessoas, seguido pelo estado do Paraná, com 22.132 indivíduos, e São Paulo, com 14.546. Destacam-se ainda Rio de Janeiro, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. O somatório dos anos de estudo dos imigrantes concentra-se na categoria de 4 a 7 anos de estudo, sendo que SC enviou sobretudo pessoas com 11 a 14 anos de estudo, totalizando 6.995 indivíduos. São Paulo e Rio de Janeiro apresentaram o mesmo comportamento. Todavia, o Paraná enviou fluxo maior de imigrantes de 4 a 7 anos de estudo, assim como Mato Grosso do Sul. Quanto à idade, a maioria dos estados brasileiros enviou ao RS imigrantes com idade entre 20 a 24 anos. Esses dados confirmam que a migração é mais intensa entre os jovens e evidenciam que os fluxos migratórios ao RS não são de pessoas altamente qualificadas, mas de indivíduos com níveis fundamental e médio

de escolaridade – 64% dos imigrantes que vieram para o RS situam-se no intervalo entre “sem instrução” e “até 10 anos de estudo”.

Os estudos revisados mostram, portanto, que Passo Fundo apresenta grande mobilidade populacional, não apenas no sentido do ingresso, mas também de evasão da população: ao mesmo tempo que passo-fundenses migram para outros estados brasileiros ou outras localidades no próprio RS, a mesorregião em que Passo Fundo se situa recebe migrantes de SC, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso. As populações migradas para Passo Fundo caracterizam-se pela baixa ou média escolaridade e pela juventude. Já na formação do município, a mobilidade populacional compõe, com os tropeiros paulistas, um capítulo relevante para os contatos linguísticos. A atual dinâmica socioeconômica da comunidade incrementa o processo, criando condições para a importação e difusão de normas de uso. Nossa ideia é a de que tal dinâmica crie instabilidade sociolinguística tanto no nível da comunidade quanto no nível do indivíduo, em um quadro de *mudança comunal*, como previsto por Labov (1994). Essa instabilidade, por seu turno, estaria na base da realização da variante retroflexa em coda silábica no PB de Passo Fundo, um padrão de fala distinto daquele das demais comunidades gaúchas, em que tal realização é pouco frequente, como revela, a seguir, a breve revisão de estudos sobre o tema.

#### 7.4 A VARIANTE RETROFLEXA DE /R/ EM CODA NO PORTUGUÊS DO SUL DO BRASIL

O r-retroflexo, ou aproximante retroflexa [ɻ], é uma das realizações possíveis da classe das consoantes róticas em ambiente de coda silábica medial (po[ɻ]ta) ou final (amo[ɻ]) no PB. É articulado com a ponta da língua curvando-se em direção aos alvéolos, ao mesmo tempo em que a parte posterior da língua se levanta em direção ao palato mole (SILVA, 2011). No Sul do Brasil, no imaginário coletivo, a variante retroflexa é associada aos falares paulistano (principalmente do interior) e paranaense, mas não ao gaúcho.

Além de Amaral (1955), os primeiros registros dessa consoante no português do Brasil datam dos anos 1960 e 1970 nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná (RENNICKE, 2011; BRANDÃO, 2007). Já naquela época, o retroflexo era identificado como um traço do “... falar caipira [...] dominava em absoluto a grande maioria da população [da antiga província de São Paulo] e estendia sua influência à própria minoria culta” (AMARAL, 1955, p. 41). Por ser uma forma desprestigiada, acreditava-se que a variante desapareceria em pouco tempo do vernáculo. Atlas linguísticos publicados naquelas décadas e nas seguintes (ROSSI et al., 1963; ARAGÃO; MENEZES, 1984; FERREIRA et al., 1987; LIMA, 2003 *apud* BRANDÃO, 2007) apontam ocorrências mais ou menos esparsas da consoante em outras regiões brasileiras (Bahia – 59 ocorrências; Paraíba – 3 ocorrências; Sergipe – 47 ocorrências; Pará – 9 ocorrências).

Quanto à distribuição da variante na região Sul (RS, SC e PR), dados do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002) indicam que a realização da consoante retroflexa se concentra no

Paraná, seguida por localidades de Santa Catarina, em número considerável, e apresentando poucas ocorrências no Rio Grande do Sul. Monaretto (1997), ao levantar dados das três capitais do Sul do Brasil da amostra do VARSUL, encontrou altas proporções de [ɺ] em Curitiba (78%), relativamente baixas em Porto Alegre (21%) e somente uma ocorrência em Florianópolis. Dados do ALiB referentes às três capitais dos estados do Sul mostram que o tepe alveolar é a variante preferida nessa região (64% em verbos, 43% em não verbos), enquanto a retroflexa aparece em 8% dos verbos e 16% dos não verbos. Em Porto Alegre, a variante retroflexa ocorre em 7% nos verbos e em 12% nos não verbos, de acordo com Santana (2017). Oliveira (2018), cuja investigação concentrou-se em localidades do interior dos estados do PR, SC e RS também a partir do corpus ALiB, verificou maior prevalência da aproximante retroflexa em localidades do interior quando comparadas às capitais: em verbos, 52% de realização de tepe e 42% de retroflexo; em não verbos, a aproximante é mais saliente: 58% versus 37% (tepe). Das seis localidades investigadas (Santa Maria e Caçapava do Sul no RS; Lages e Criciúma em SC; e Guarapuava e Campo Mourão no PR), a produção de [ɺ] em coda é mais alta em Campo Mourão (76% verbos, 99% não verbos), seguida de Criciúma (67% verbos, 66% não verbos) e Santa Maria (23% verbos e 52% não verbos).

Ricardo (2019), ao realizar um estudo de caso com dois informantes em Porto Alegre, verificou a presença de retroflexo em coda em 27,2% e 15,2%. Cabe ressaltar que o referido estudo, embora aponte hipóteses sobre a produtividade da consoante e forneça explicações sobre seu condicionamento gramatical, não é representativo da comunidade de fala da capital gaúcha: além de os informantes serem oriundos de municípios do entorno de Porto Alegre, não é possível explicar o padrão de distribuição da consoante a partir da fala de apenas dois informantes. Rockenbach (2020), ao investigar o apagamento variável da vibrante em Porto Alegre a partir de um corpus de 2.860 dados oriundos do LínguaPOA (2015-2019), encontrou apenas 6 ocorrências da consoante retroflexa na fala de dois informantes porto-alegrenses.

Em Passo Fundo, um passeio pelo comércio e serviços locais sugere que o r-retroflexo seja uma realização relativamente frequente. A variante chama a atenção na fala do dia a dia, principalmente por seu contraste com dados de Porto Alegre (ROCKENBACH, 2020). Investigações sociolinguísticas conduzidas nas capitais brasileiras são tradicionalmente referência para a caracterização e estereotipação os falares nos estados. Nosso estudo questiona esse padrão, busca descrever outras normas de uso do português para além da capital. A fim de fornecer respostas às questões norteadoras do estudo, anunciadas na Introdução, examinaremos uma amostra de fala do português de Passo Fundo, cujos procedimentos de análise são expostos a seguir.

## 7.5 METODOLOGIA

Os dados de fala advêm de 20 informantes (13 mulheres e 07 homens), pertencentes às faixas etárias de 18-35 anos ou 36-59 anos, nascidos e residentes em Passo Fundo, selecionados aleatoriamente por estudantes voluntários do projeto “Percepção da fala passo-fundense a partir da produção variável de /R/”.<sup>7</sup> Para participar da pesquisa, os falantes precisavam ter idade igual ou superior a 18 anos e ter nascido e atualmente residir em Passo Fundo.

Após o levantamento dos dados sociais dos informantes, obtido por meio de um questionário semiestruturado, a eles era solicitado que lessem um pequeno texto,<sup>8</sup> que foi gravado com o seu consentimento. O objetivo da leitura foi coletar estímulos sonoros contendo realizações de /R/ em coda silábica para a confecção de testes de percepção (de acordo com os propósitos do projeto ao qual os dados estão vinculados).

Para este trabalho, utilizam-se os dados de leitura na análise de regra variável das realizações de /R/ em coda silábica. Foram extraídos 34 contextos para análise, contendo /R/ em coda em posição medial ou final de palavra, multiplicados por 20 informantes, gerando-se um banco de 680 dados. Excluindo-se ocorrências inaudíveis devido a falhas na leitura e na gravação, ou por divergências na escuta e identificação da variante realizada pelo informante, obteve-se um corpus final de 674 dados.

Para a análise, considerou-se aplicação da regra (variável resposta) a realização da consoante aproximante retroflexa, e não aplicação, a realização de outras variantes. Nossa hipótese é a de que o retroflexo alterne com realizações de tepe alveolar. Eventuais ocorrências de apagamento, sobretudo em verbos com marca de infinitivo, foram excluídas. As variáveis previsoras sociais e linguísticas controladas são sumarizadas no Quadro 7.1.

---

7 Coordenado pela profa. Athany Gutierrez. Aprovado pelo CEP/UFFS (CAAE: 21478319.1.0000.5564, parecer nº 3.642.502). Agradecemos a participação do bolsista de Iniciação Científica, Heric Gabriel Vieira dos Santos (UFFS), e da acadêmica voluntária, Lívia Majolo Rockenbach (UFRGS), no tratamento dos dados. E também agradecemos aos acadêmicos Cláudia Menoncini, Guilherme Sommovilla, Gustavo Antunes Silva, Natanael Alves de Lima, Nathyelle Maria de Oliveira Cândido, Nicoli Belloli Dias, Ricardo Debon e Thiago Emanuel Rodrigues Novaes, do Curso de Medicina da UFFS – Campus Passo Fundo, por sua participação voluntária na coleta de dados do projeto.

8 Disponível em: <https://www.pmpf.rs.gov.br/secretaria-de-transportes-e-servicos-gerais/2019/05/19/ato-marca-assinatura-do-adote-o-verde-13589/>. Acesso em: 30 abr. 2022.



Quadro 7.1: Variáveis previsoras sociais e linguísticas

Variáveis sociais	Variáveis linguísticas
<b>Faixa etária</b> 18 a 35 anos 36 a 59 anos	<b>Tipo de coda</b> Medial (ver <u>r</u> .des) Final (po.de <u>r</u> )
<b>Sexo</b> Feminino Masculino	<b>Tonicidade</b> Átona (particular) Tônica (parques)
<b>Escolaridade (completa ou em andamento)</b> Ensino Fundamental Ensino Médio Ensino Superior Pós-graduação	<b>Classe de palavra</b> Substantivo (par <u>cerias</u> ) Verbo (ampli <u>ar</u> ) Adjetivo (ver <u>des</u> ) Preposição (po <u>r</u> )
<b>Profissão</b> Empregado setor público Empregado setor privado Empregador (urbano ou rural) Autônomo Estudante/bolsista/estagiário	<b>Número de sílabas</b> 1 (po <u>r</u> ) 2 (pa <u>r</u> .ques) 3 (con.se <u>r</u> .va <u>r</u> ) 4 ou mais (com.pa <u>r</u> .ti.lha.men.to)
<b>Região de residência</b> Central Não central	<b>Qualidade da vogal precedente</b> Alta (urbanizar <u>e</u> ) Média (lazer <u>er</u> ) Baixa (colabor <u>ar</u> )
<b>Tempo de residência na região atual</b> 1 a 5 anos 6 a 11 anos 12 a 20 anos 21 a 30 anos 31 anos ou mais	<b>Contexto fonológico seguinte</b> Vogal (lazer <u>e</u> ) Pausa (urbanizar <u> ,</u> ) Consoante (ver <u>de</u> )

Os dados foram codificados para a variável resposta (aproximante retroflexa) e variáveis previsoras (sociais e linguísticas) em uma planilha .csv. A análise estatística de regressão logística de efeitos mistos foi realizada no programa R, interface RStudio (RCORE TEAM, 2021), para testar possíveis correlações da variável resposta com as previsoras. Anteriormente à análise de regressão, efetuou-se teste de qui-quadrado de Pearson com as variáveis previsoras, para verificar se havia diferença significativa na proporção de aplicação da regra entre os fatores de cada variável. Incluíram-se nos modelos testados na análise de regressão logística apenas as variáveis previsoras com p-valor significativo (igual ou inferior a 0,05).

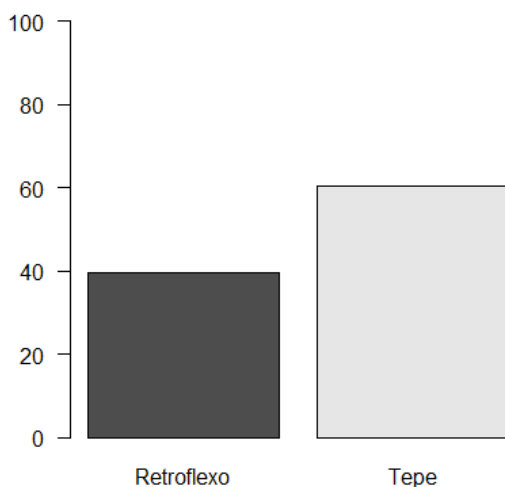
A análise estatística fornecerá respostas à questão norteadora (i), sobre a frequência de realização da variante retroflexa; o controle das variáveis previsoras sociais e linguísticas responderá as questões (ii) e (iii), sobre o encaixamento social e o

condicionamento gramatical da variante; a questão (iv) será respondida com base na interpretação e discussão dos resultados, amparados por achados de estudos demográficos, etnográficos e sociolinguísticos sobre mobilidade e contato, revisados na seção anterior.

## 7.6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise estatística constatou a proporção de 39,6% (267/674) de realização da retroflexa, confirmando nossa hipótese de que a produção da variante em coda silábica é relativamente expressiva no PB de Passo Fundo. As demais ocorrências correspondem a realizações de tepe alveolar (60,4% - 407/674), em conformidade com a literatura sobre a variante rótica predominante em coda silábica na fala dos gaúchos. A distribuição da retroflexa pode ser observada no Gráfico 7.1.

**Gráfico 7.1:** Realização variável de /R/ em Passo Fundo, RS.



O teste de qui-quadrado indicou diferença significativa ( $p < 0,05$ ) entre os fatores das variáveis previsoras *faixa etária, sexo, escolaridade, profissão, tempo de residência na região atual, tipo de coda, classe de palavra, número de sílabas e contexto fonológico seguinte*. Essas foram incluídas no modelo da análise de regressão logística de efeitos mistos, cujos resultados apresentamos na Tabela 7.1. O primeiro fator de cada variável foi selecionado como valor de referência.

**Tabela 7.1:** Resultados do modelo de regressão logística de efeitos mistos da realização da aproximante retroflexa em coda silábica no português de Passo Fundo, RS (N=674) Intercepto=-8,705

Variável	Aplicação/ tokens	Estimativa	Erro padrão	Valor z	Valor-p
<b>Faixa etária</b>					
18-35 (valor de referência)	150/302 (50%)				
36-59	117/372 (31%)	1,2611	1,1454	1,101	0,271
<b>Sexo</b>					
Feminino (valor de refer.)	126/436 (29%)				
Masculino	141/238 (59%)	1,7203	1,0421	1,651	0,099
<b>Escolaridade</b>					
Ensino Fund. (valor de ref.)	52/93 (56%)				
Ensino Médio	153/310 (49%)	-3,4679	1,4942	-2,321	0,020
Ensino Superior	43/170 (25%)	-5,3729	1,9361	-2,775	0,005
Pós-graduação	5/66 (8%)	-3,6903	2,0320	-1,816	0,069
<b>Profissão</b>					
Autônomo (valor de ref.)	25/35 (71%)				
Empregador rural ou urbano	33/132 (25%)	-4,0660	2,0923	-1,943	0,052
Empregado setor privado	174/303 (57%)	-5,5900	2,6731	-2,091	0,036
Empregado setor público	21/169 (12%)	-4,0898	2,5573	-1,599	0,110
<b>Tempo de residência</b>	57/194 (29%)				
1-5 anos (valor de refer.)	67/138 (49%)				
6-11 anos	34/67 (51%)	1,1536	1,4972	0,771	0,441
12-20 anos	82/105 (78%)	2,6842	1,7613	1,524	0,127
21-30 anos	5,4199	1,7326	3,128	0,002	
31-mais anos	27/170 (16%)	-2,5880	1,5177	-1,705	0,088
<b>Tipo de coda</b>	89/274 (32%)				
Final (valor de refer.)	178/400 (45%)	-0,2191	0,4272	-0,513	0,608
Medial					

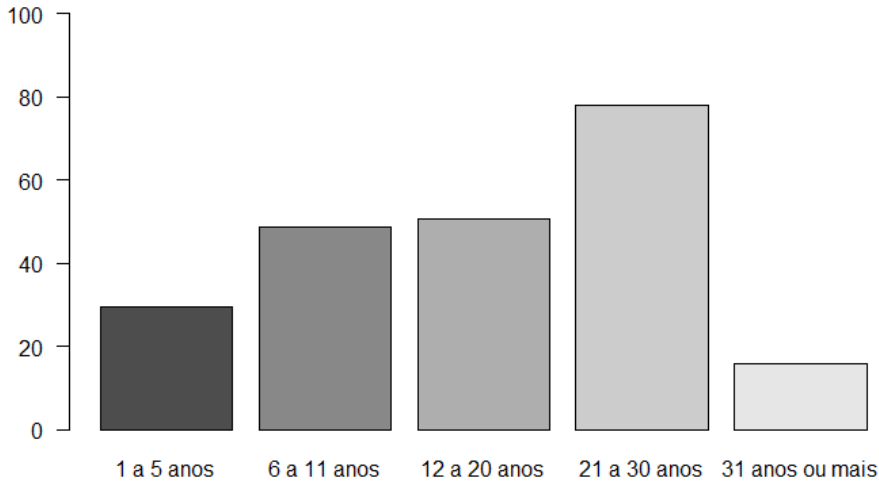
<b>Classe de palavra</b>	57/96 (59%)				
Adjetivo (valor de refer.)	7/20 (35%) 98/252 (39%)	13,1228 -1,9981 -2,4890	81,9960 0,8988 0,9419	0,160 -2,223 -2,643	0,873 0,026 0,008
Preposição	105/306 (34%)				
Substantivo					
Verbo					
<b>Número de sílabas</b>	6/20 (30%)				
Monossílabo (valor de ref.)	133/283 (47%) 64/211 (30%)	15,8982 16,6470 15,354	81,9941 81,9944 81,9944	-0,194 0,203 0,187	0,846 0,839 0,851
Dissílabo	64/160 (40%)				
Trissílabo					
Polissílabo					
<b>Contexto fonológico seguinte</b>	234/540 (43%)				
Consoante (valor de ref.)	12/39 (31%) 21/95 (22%)	-0,6241 -1,4738	0,7507 0,5783	-0,831 -2,548	0,405 0,010
Pausa					
Vogal					

**Modelo 1.** RETROFLEXO ~ FAIXA.ETARIA + SEXO + ESCOLARIDADE + PROFISSAO + TEMPO.RESIDENCIA + TIPO.CODA + CLASSE.PALAVRA + NUMERO.SILABAS + CONTEXTO.SEGUINTE + (1|INFORMANTE) + (1|CONTEXTO)

Os valores-p marcados em cinza na respectiva coluna na Tabela 8.1 são significativos. Indicam as variáveis que, conjuntamente, correlacionam-se à produção do r-retroflexo: *grau de escolaridade*, *profissão*, *tempo de residência na região atual*, *classe de palavra* e *contexto fonológico seguinte*. Dessas, favorece a aplicação da regra o fator *21-30 anos de tempo de residência na região atual*; desfavorecem os graus de escolaridade *ensino médio* e *ensino superior*, a profissão de *empregado no setor privado*, as classes de palavras *substantivos* e *verbos* e o contexto fonológico *seguinte vocálico*.

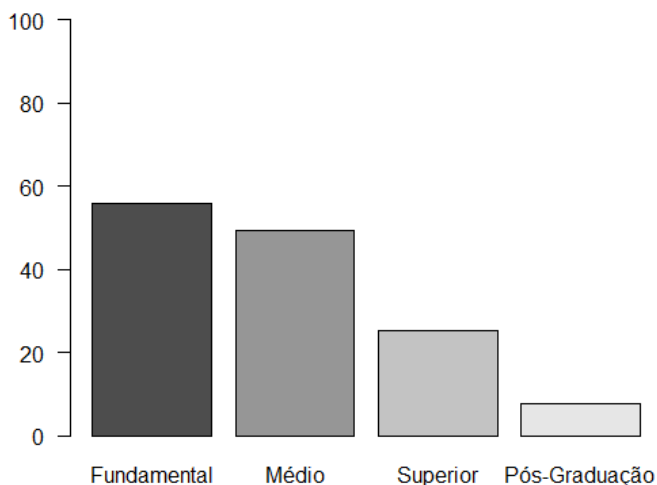
Observa-se que a realização da aproximante [ɹ] é um fenômeno condicionado tanto social quanto gramaticalmente. A respeito do tempo de residência dos informantes em seus bairros atuais, o fator *21 a 30 anos* mostrou-se favorável à aplicação da regra variável ( $p = 0,00170$ , estimativa 5,4529), isto é, para aqueles que moram há bastante tempo na mesma região em Passo Fundo, a tendência é produzir o r-retroflexo. No Gráfico 7.2, podemos observar as taxas de realização da variante retroflexa por categoria temporal:

Gráfico 7.2: Variável tempo de residência na região atual



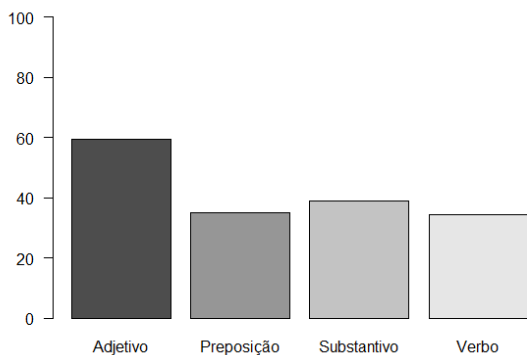
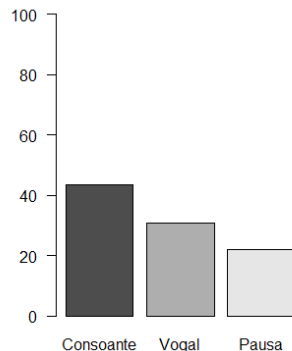
Conforme Oushiro (2019), “tempo de residência” é a variável mais analisada em estudos de mobilidade e variação linguística. Estudos (BIELER DA SILVA, 2015; LIMA; LUCENA, 2013; LEITE, 2004) mostram que, quanto maior o tempo de residência na localidade, maior o uso das variantes da comunidade anfitriã, para o caso de migrantes. No entanto, os efeitos da mobilidade sobre a língua são distintos para diferentes variáveis. Oushiro (2019) verificou que a variável *tempo de residência* exerce mais efeito sobre variáveis morfossintáticas do que fonológicas na aquisição de traços do português paulista por migrantes paraibanos e alagoanos. Pereira (2007), ao analisar o emprego de formas pronominais reflexivas no português popular de São Paulo, constatou que migrantes nordestinos, mesmo após anos de residência na capital, ainda mantinham proporções altas de realização dos pronomes. A exemplo desses dois estudos, em situação de contato dialetal, vemos que nem sempre o tempo de residência está correlacionado à adoção de uma nova norma pela comunidade.

Duas variáveis sociais inibem a aplicação da regra variável: *escolaridade* e *profissão*. Embora ainda não tenhamos dados de avaliação social da consoante retroflexa no português passo-fundense, a variável *escolaridade* dá indícios de que pode haver algum grau de estigma da variante na comunidade, de modo que falantes com grau de escolaridade médio ( $p = 0,020$ , estimativa  $-3,4479$ ) e falantes com grau superior de escolaridade ( $p = 0,005$ , estimativa  $-5,3824$ ) tendem a não realizar a consoante. As frequências de aplicação da regra por fator (Gráfico 7.3) parecem convergir com essa ideia: quanto maior o grau de escolaridade, menor a proporção de realização do retroflexo (49% para ensino médio, 25% para ensino superior).

**Gráfico 7.3:** Variável *escolaridade*

Os empregados do setor privado no município também desfavorecem a realização da variante retroflexa ( $p = 0,035$ , estimativa  $-5,6543$ ). Considerando-se a configuração das relações sociais que são estabelecidas por meio do trabalho, e comparando-se esse grupo aos empregados do setor público, por exemplo, supõe-se que o estilo de fala dos trabalhadores do setor privado seja mais controlado (pelas relações com outras empresas do mesmo ramo, pela cobrança de seus empregadores, pelas trocas que são estabelecidas com a clientela etc.). Se o estigma acerca de [ɹ] for uma realidade na comunidade, faz sentido a seleção desta variável pelo modelo: ao tratar com clientes, fornecedores, parceiros e outros grupos, pode ser que a realização de outra variante que não a retroflexa seja a escolhida, talvez conscientemente, pelo falante.

Quanto ao condicionamento gramatical, a análise mostra que os *substantivos* ( $p = 0,027$ , estimativa  $-1,9808$ ), os *verbos* ( $p = 0,008$ , estimativa  $-2,4824$ ) e as *vogais como contexto seguinte* ( $p = 0,010$ , estimativa  $-1,4738$ ) são desfavoráveis à realização da aproximante retroflexa. Os Gráficos 7.4 e 7.5 apresentam as porcentagens de produção do r-retroflexo (substantivos: 39%; verbos: 34%; vogal: 22%) para os fatores selecionados, destacados a seguir.

Gráfico 7.4: Variável *classe de palavra*Gráfico 7.5: Variável *contexto fonológico seguinte*

Os substantivos presentes no corpus em análise são estes: “(o) VeRde”, “paRques”, “paRte”, “compaRtilhamento”, “paRcerias”, “impoRtância”, “preseRvação”, “lazeR”, “(novos) teRmos”, “reseRva”. Lembramos que os dados advêm da leitura de um pequeno texto, estilo de fala monitorado, que eventualmente implica maior controle articulatorio por parte do falante. Duas explicações nos vêm à mente nesse momento: (i) se há estigma quanto ao retroflexo, o automonitoramento do falante no momento da leitura o motiva a preferir a variante em competição, a tepe alveolar (classe de palavra é variável desfavorecedora à aplicação da regra); (ii) se comparada a outros processos fonológicos, estudos (ROCKENBACH, 2020; OUSHIRO; MENDES, 2013) apontam que o apagamento, por exemplo, tende a ocorrer em palavras mais gramaticais (preposições, conjunções), ao passo que a realização de variantes de /R/ manifesta-se com maior frequência em palavras de conteúdo (substantivos, verbos, adjetivos). O mesmo pode ser pressuposto sobre os verbos (“afiRmou”, “colaboraR”, “agradeceR”, “reconheceR”, “toRnaR”, “conseRvaR”, “limpaR”, “uRbanizaR”, “envolveR”, “ampliaR”, “conseRvaR”). O apagamento nessa categoria, principalmente dos verbos com morfema de infinitivo, regra categórica em diversas variedades do português brasileiro (OUSHIRO; MENDES, 2013; MONARETTO, 2002), também pode ser explicado pelo estilo de leitura.

Para os ambientes em que os dados são seguidos por contextos vocálicos (“ampliaR a”, “limpaR e”, “tornaR esses”, “lazeR e”, “reconheceR e”), no fluxo da fala, vê-se que o /R/ em coda não faz fronteira com a vogal, tornando-se uma única palavra fonológica, a partir de um processo de ressilabação. Nesse contexto prosódico, /R/ assume a posição de *onset* silábico, e o português brasileiro não licencia a aproximante retroflexa nesta posição. Por essa razão, a vogal como contexto fonológico seguinte é fator desfavorável à realização de [ɻ].

## 7.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O português falado em Passo Fundo, município situado em uma das regiões do interior do Rio Grande do Sul, exhibe variação estruturada de /R/ em coda silábica, entre as consoantes tepe alveolar [r] (60,4%) e aproximante retroflexa [ɻ] (39,6%), confirmando nossa hipótese sobre a expressiva ocorrência da variante retroflexa na comunidade e respondendo a nossa primeira questão de pesquisa. O controle das variáveis previsoras sociais na análise estatística revela que a realização de [ɻ] correlaciona-se a *tempo de residência na região atual* (sendo o tempo de 21 a 30 anos fator favorecedor), *escolaridade* (os níveis *médio* e *superior* de escolaridade desfavorecem a variante retroflexa), *profissão* (o fator *empregados do setor privado* desfavorece a aproximante retroflexa), evidenciando o encaixamento social da variação observada (questão 2). Quanto às variáveis previsoras linguísticas, que respondem a terceira questão norteadora do estudo, a análise estatística mostra a correlação da aproximante retroflexa com *classe de palavra* (os fatores *substantivo* e *verbo* são desfavorecedores) e com *contexto fonológico seguinte* (o fator *vogal* desfavorece a realização da retroflexa).

Em relação ao papel da mobilidade na difusão da variante (questão 4), os dados secundários aqui apresentados, sobre fluxos migratórios na Mesorregião do Rio Grande do Sul em que Passo Fundo se situa, conjuntamente às informações sobre a história do povoamento do município e de sua trajetória socioeconômica, sugerem que a proporção total de quase 40% de realização do r-retroflexo em coda silábica encontrada em nosso estudo se explique pelos movimentos migratórios e prováveis contatos linguísticos observados na comunidade, fortemente impulsionados pelas práticas sociais de trabalho. A mobilidade – tanto de ingresso quanto de evasão de Passo Fundo – ocasiona instabilidade sociolinguística no nível individual e no nível da comunidade. Esse padrão de variação e mudança – a mudança comunal (LABOV, 1994) – parece explicar as realizações retroflexas aqui encontradas.

Por um lado, pode-se presumir que a retroflexa já esteja incorporada à fala da comunidade, considerando-se a maior proporção de realização entre os falantes que residem no município entre 21 e 30 anos e a seleção deste fator da variável *tempo de residência na região atual* como favorecedora da aplicação da regra. É importante destacar que apenas 2 dos 20 informantes da amostra foram enquadrados nesse fator, o que aponta a necessidade de uma distribuição mais equilibrada de informantes em etapas futuras da investigação.

Por outro lado, se a consoante retroflexa for a nova norma introduzida na comunidade por migrantes de outras regiões do país, ela pode estar vinculada ao desenvolvimento econômico associado ao agronegócio, sugerindo uma valoração positiva da variante (semelhante aos achados de Bazzo e Resende (2021) e Aguilera e Silva (2015) sobre a avaliação de [ɻ] no Sul do Pará e no Triângulo Mineiro, respectivamente). O emprego do r-retroflexo por pessoas de alto poder aquisitivo, proprietários de terras e bens, pode estar agregando prestígio à variante. Esse é um dado inconclusivo, uma vez que nossos resultados para as variáveis *escolaridade* (a proporção de realização de [ɻ] decresce com o aumento da escolarização) e *profissão* (empregados do setor priva-



do desfavorecem a realização de [ɺ]) parecem sugerir o contrário. Outra etapa da investigação deverá incluir uma análise de atitudes linguísticas e significados sociais da variante retroflexa, a fim de podermos aprofundar a reflexão acerca dos resultados apresentados por essas variáveis.

Os informantes do estudo são todos nascidos e residentes no município. Desconhecemos a proveniência de seus familiares, o que é uma limitação do que fizemos aqui. A proveniência dos ascendentes é um dado importante no âmbito das investigações sociolinguísticas que consideram os processos de mobilidade e migração, no sentido de rastrear traços de fala que possam ter sido adquiridos por meio de contato linguístico com outras variedades de português, além dos processos que decorrem das atividades laborais, educacionais, de lazer etc.

Nossa análise é um passo inicial para a descrição da variedade de português de Passo Fundo, comunidade representativa de uma região interiorana do Rio Grande do Sul, e para a compreensão do encaixamento social e linguístico das normas de fala locais. Precisamos de uma amostra maior, mais representativa da comunidade, advinda de entrevistas sociolinguísticas, para ratificar nossos resultados. De todo modo, os dados que trazemos são relevantes à medida que abrangem uma região do estado ainda não contemplada nos estudos sociolinguísticos, confirmando nossas impressões sobre a presença marcante do retroflexo na fala passo-fundense, realização que se candidata a traço do sotaque local, distinto do padrão de fala da capital, Porto Alegre, e de outras regiões, como a do Nordeste do estado. O aprofundamento das questões apontadas fornecerá novos dados e explicações para a compreensão mais abrangente das dinâmicas sociolinguísticas em torno de [ɺ] nessa comunidade.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A.; SILVA, H. C. Uma nova configuração do caipira: ecos do /R/ retroflexo. *Revista da ABRALIN*, v. 14, n. 1, p. 171-194, 2015.
- ALONSO, J. A. A emergência de aglomerações não metropolitanas no Rio Grande do Sul. *Indicadores Econômicos FEE*, v. 37, n. 3, 2009.
- ALONSO, J. A. F. Reflexões sobre o desenvolvimento de Passo Fundo-RS: 1939-87. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, 10(2): 285-302, 1989.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Editora Anhembi, 1955.
- ARAGÃO, M. S.; MENEZES, C. *Atlas Linguístico da Paraíba*. João Pessoa/Brasília: UFPB/CNPQ, 1984. 2v.
- BANDEIRA, Marilene Dias; ZUANAZZI, Pedro Tonon; AGRANONIK, Marilyn; SOUZA, Vinicius Rauber e. Uma análise de fluxo migratório no Rio Grande do Sul e suas mesorregiões. *Indicadores Econômicos FEE*, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 115-134, 2014.
- BAZZO, M. G.; REZENDE, T. F. Entre prestígio e preconceito: a realização do /R/ retroflexo no sul do Pará. *Fórum linguístico*, Florianópolis, v. 18, n. 3, p. 6514-6528, 2021.

- BIELER DA SILVA, M. E. *Entre duas metrópoles: (-r) em Itanhandu*. 2015. 170f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BOTASSINI, J. O. M. A variação no uso dos róticos em Porto Alegre. *Estudos Linguísticos*, v. 40, n. 2, p. 1060-1072, 2011.
- BRANDÃO, S. F. Nas trilhas do – R retroflexo. *SIGNUM: Estud. Ling.*, Londrina, n. 10/2, p. 265-283, dez. 2007.
- CALLOU, D.; MORAES, J. A.; LEITE, Y. Consoantes em coda silábica: /s, r, l/. In: *A construção fonológica da palavra*. Gramática do português culto falado no Brasil. SP: Contexto, 2013.
- CARDOSO, L. F. F. *Estudo geossociolinguístico dos falares passo-fundense e londrinense*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.
- COLLET, V. A. *Variação linguística ao longo da vida em situação de contato dialetal: a variação do rótico em coda e das oclusivas dentais em ataque*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.
- COMIOTTO, A. F.; MARGOTTI, F. W. Uso dos róticos do português em contato com os dialetos italianos. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 41, 2019.
- CORRÊA, R. C. *Os significados sociais da realização variável da vibrante múltipla alveolar em onset silábico em Porto Alegre (RS): variação, mudança linguística e estilo*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.
- FERREIRA, C. et al. *Atlas Linguístico de Sergipe*. Salvador: UFBA/ FUNDESC, 1987.
- FERRETO, D. *Passo Fundo: Estruturação urbana de uma cidade média gaúcha*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – São Paulo: USP, 2011.
- FREITAG, R. M. K. F.; OUSHIRO, L. Sociolinguística no Brasil: deslocamentos e fronteiras. *Domínios de Linguagem*, v. 13, n. 4, 2019.
- HELLER, M. et al. *Sustaining the nation. The Making and Moving of Language and Nation*. Oxford: OUP, 2016.
- IBGE. *Regiões de influência das cidades: 2007*. Rio de Janeiro, 2008.
- KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo. *Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRGS/Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2002. v. 1, v. 2.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

- LABOV, William. *Principles of linguistic change – Volume 1: internal factors*. Oxford, UK/ Cambridge, USA: Blackwell, 1994.
- LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LEITE, C. M. B. *Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco*. 2004. 138f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2004.
- LIMA, Alcides. A pronúncia do /r/ pós-vocálico na cidade de Cametá- PA. In: RAZKY, A. (org.) *Estudos Geo-Sociolinguísticos no Estado do Pará*. Belém: UFPA, 2003. p. 54-78.
- LIMA, I. S.; LUCENA, R. M. Influência de variáveis não linguísticas no processo de acomodação dialetal do /s/ em coda silábica por paraibanos em Recife. *Letrônica*, v. 6, n. 1, 161-178, 2013.
- LÍNGUAPOA. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015-2019 (período de coleta). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/linguapoa/>. Acesso em: 26 jan. 2022.
- LUCCHESI, D. O deslocamento populacional como fator propulsor da mudança linguística. *Domínios de Linguagem*, v. 13, n. 4, 2019.
- MONARETTO, V. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRES-CANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 253-268.
- MONARETTO, V. Análise sociolinguística da vibrante no sul do Brasil. *Graphos*, v. 2, n. 1, 25-34, 1997.
- MONARETTO, V. Descrição da vibrante no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (orgs). *Português no Sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.
- MONARETTO, V. Realizações de r. In: BISOL, L.; BATTISTI, E. (orgs). *O Português Falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.
- OLIVEIRA, A. T. R.; ERVATTI, L. R.; O'NEILL, M. M. V. C. O panorama dos deslocamentos populacionais no Brasil: PNADs e Censos Demográficos. In: OLIVEIRA, L. A. P.; OLIVEIRA, A. T. R. (org.). *Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil*. Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011.
- OLIVEIRA, da C. I. *et al.* O rótico em coda silábica final na região sul do Brasil: Variação e mudança no corpus do ALiB. *Diadorim*, v. 20, n. Especial, p. 334-364, 2018.
- OLIVEIRA, G.; BOGONI, N. M.; LAZAROTTO, B. C. Os determinantes da emigração no estado do Rio Grande do Sul: uma primeira aproximação utilizando variáveis espaciais. *Textos para Discussão*, n. 1, p. 1-14, 2009.

- OUSHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística*. 2015. 372 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- OUSHIRO, L.; MENDES, R. B. A pronúncia do (-r) em coda silábica no português paulistano. *Revista do GEL*, v. 8, n. 2, p. 66-95, 2013.
- OUSHIRO, L. Questões e métodos: vogais médias pretônicas na fala de migrantes nordestinos em situação de contato dialetal. In: VIEIRA, M. S. M.; WIEDEMER, M. L. *Dimensões e experiências em Sociolinguística*. São Paulo: Blucher, p. 157-87, 2019.
- PEREIRA, D. C. *Variação e mudança no uso dos pronomes reflexivos no português popular da capital paulista: uma abordagem funcionalista e cognitivista*. 2007. 351f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2021.
- RENNICKE, I. The retroflex /r/ of Brazilian Portuguese: theories of origin and a case study of language attitudes in Minas Gerais. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, v. 1, n. 6, 149-170, 2011.
- RICARDO, J. */R/ retroflexo em coda no português da região metropolitana de Porto Alegre: estudo de caso*. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2019.
- ROCKENBACH, M. L. *O apagamento variável da vibrante em coda silábica na comunidade de fala de Porto Alegre (RS): da produção à percepção e avaliação linguística*. Monografia (Licenciatura em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2020.
- ROSSI, Nelson *et al.* *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1963.
- SANTANA, M. *O R em coda silábica final nas três capitais do Sul do Brasil: Variação e Prosódia no corpus do ALiB*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.
- SANTANA, O. E.; GOMES, C. A. Migração, contato dialetal e o estabelecimento da variedade urbana em Imperatriz (MA). *Domínios de Linguagem*, v. 13, n. 4, 2019.
- SANTOS, dos V. G. H.; ROCKENBACH, M. L.; GUTIERRES, A. A variação linguística de /R/ em Passo Fundo-RS. In: X JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA. v. 1 n. 10, 2020, Chapecó. *Anais...* Chapecó: Universidade Federal da Fronteira Sul.
- SILVA, T. C. S. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- SIQUEIRA, M. O controle da mobilidade em variáveis linguísticas. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 43, p. 1-22, e-18385, 2021.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

## SOBRE OS AUTORES

**Alexandre António Timbane.** Pós-doutorando no Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal de Sergipe (UFS), Doutor em Linguística e Língua Portuguesa, professor titular da Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E-mail: [alextimbana@gmail.com](mailto:alextimbana@gmail.com)

**Athany Gutierres.** Doutora em Letras, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: [athany@gmail.com](mailto:athany@gmail.com)

**Beatriz Christino.** Doutora pela Universidade de São Paulo (USP) e realizou Pós-doutorado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É docente do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: [bchristino@letras.ufrj.br](mailto:bchristino@letras.ufrj.br)

**Celeste Maria da Rocha Ribeiro.** Doutora em linguística, Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). E-mail: [celribeiro042002@gmail.com](mailto:celribeiro042002@gmail.com).

**Cláudia Andrea Rost Snichelotto.** Doutora em Linguística, professora titular-livre da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). E-mail: [rostclaudia@hotmail.com](mailto:rostclaudia@hotmail.com)

**Danielle Kely Gomes.** Professora de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da UFRJ. Doutora em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [daniellekgomes@letras.ufrj.br](mailto:daniellekgomes@letras.ufrj.br).

**Elisa Battisti.** Doutora em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), CNPq, E-mail: [elisa.battisti@ufrgs.br](mailto:elisa.battisti@ufrgs.br)

**Fernanda Gabrielle Costa Rodrigues.** Mestra em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: [rodriiguesfernanda@hotmail.com](mailto:rodriiguesfernanda@hotmail.com)

**Fernando Jesus da Silva.** Doutor em Linguística, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: [fernando.silva1@ufmt.br](mailto:fernando.silva1@ufmt.br)

**João Pedro Peres da Costa.** Licenciado em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e mestrando do programa de pós-graduação em Estudos em Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista Capes/CNPq. Email: [joao.pedro.peres.iperes@gmail.com](mailto:joao.pedro.peres.iperes@gmail.com)

**Jocineide Macedo Karim.** Professora doutora em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), FAPEMAT. E-mail: [Jocineide.karim1@unemat.br](mailto:Jocineide.karim1@unemat.br).

**Karolina J. Zaremba.** M.A., Doktor der Philosophie, Europa Universität Viadrina/Universidade Federal Fluminense (UFF) em cotutela. E-mail: [simply.carolyn@gmail.com](mailto:simply.carolyn@gmail.com)

**Lívia Majolo Rockenbach.** Mestre em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: [livia.rockenbach@gmail.com](mailto:livia.rockenbach@gmail.com)

**Manoel Siqueira.** Mestre e Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-graduação Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC/SE). E-mail: [manoelsiq@academico.ufs.br](mailto:manoelsiq@academico.ufs.br).

**Marta Deysiane Alves Faria Sousa.** Doutora em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: [professoramarta2018@outlook.com](mailto:professoramarta2018@outlook.com)

**Mônica Maria Guimarães Savedra.** Doutora em Linguística. Professora da Universidade Federal Fluminense/CNPq. E-mail: [msavedra55@gmail.com](mailto:msavedra55@gmail.com)

**Raquel Meister Ko. Freitag.** Doutora em Linguística. Universidade Federal de Sergipe (UFS), CNPq. E-mail: [rkofreitag@academico.ufs.br](mailto:rkofreitag@academico.ufs.br)

**Silvana Silva de Farias Araújo.** Doutora em Língua e Cultura, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora titular de Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: [silvanaaraujo@uefs.br](mailto:silvanaaraujo@uefs.br)

**Tamires Regina Zortéa.** Mestre e Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Bolsista do Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina-Uniedu, do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior - FUMDES 2022. E-mail: [tamiresreginazortea@gmail.com](mailto:tamiresreginazortea@gmail.com)

**Jean Marcel Oliveira Araujo.** Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Colégio Estadual Polivalente de Santo Estevão - SEC/BA. [jeamarcell@gmail.com](mailto:jeamarcell@gmail.com)